



O USO DA NARRATIVA NO DISCURSO TEOLÓGICO CONTEMPORÂNEO

(The use of narrative in contemporary theological discourse)

Renato Gomes Alves

Mestrando em Teologia pela PUC/SP

E-mail: sem_rga@hotmail.com

RESUMO

O discurso teológico contemporâneo ainda é entendido como algo restrito ao âmbito eclesial e clerical. Não obstante, a tarefa do teólogo em utilizar novas linguagens para alcançar novos campos e favorecer o diálogo permanece e se percebe cada vez mais complexa em um cenário plural como a contemporaneidade. Por essa razão, a narrativa, como linguagem teológica, apresenta uma chave de leitura para a Cristologia, utilizada pelo teólogo francês contemporâneo Joseph Moingt. Através dessa chave, procura-se dar uma resposta pertinente e convincente à pergunta repetida em todos os tempos: quem é Jesus de Nazaré e o que Ele significa para a nossa relação com Deus?

Palavras-chave: Cristologia; Narrativa; Linguagem teológica; Joseph Moingt.

ABSTRACT

The contemporary theological discourse is still understood as something restricted to the ecclesiastical and clerical ambit. Nevertheless, the theologian's task to use new languages to reach new fields and ease the dialogue still remains. It is observed as even more complex in a plural scene as the present days. For this reason, the narrative, as a theological language, presents a reading key to Christology, used by the contemporary french theologian, Joseph Moingt. Through this key, it is supposed to give a relevant and convincing answer to the question repeated all the time: who is Jesus of Nazareth and what he means for our relationship with God?

Keywords: Christology; Narrative; Theological language; Joseph Moingt.

1. O PAPEL DA CRISTOLOGIA NA TEOLOGIA

A Teologia não se reduz a meros comentários e justificativas da doutrina da Igreja, mas, diante de um cenário crítico e racional próprio da contemporaneidade, necessita transmitir verdadeiramente a fé em Cristo. Nesse sentido, para a reflexão atual realizada dentro do universo teológico, é preciso levar em conta não só o objeto de estudo em si, como também o contexto em que ele está inserido. A Cristologia, por sua vez, torna-se o campo privilegiado e fecundo para tal reflexão.

Primeiramente, ela constitui a chave para todos os outros temas da Teologia, pois trata do tema central e crucial da fé cristã: a pessoa de Jesus Cristo. A partir de sua pessoa, discorre-se, então, sobre a compreensão de Deus, a compreensão do ser humano e do mundo, a revelação, a graça, a redenção, a ética cristã, entre outros. Portanto, a fé cristã não é tida como algo abstrato, mas real e concreto, visto que ela é “de maneira central fé em Jesus, o Cristo, orientada por ele, relacionada com ele e confissão dele. É que ele dá acesso à relação correta



de confiança com Deus e à relação verdadeiramente humana e solidária com os seres humanos e as demais criaturas. Ele é o caminho para Deus e para a salvação; é o caminho, não o alvo”¹.

Ademais, não só por abordar diretamente o tema central da fé cristã, a Cristologia é uma área de grande discussão e descobertas dentro da Teologia. É preciso reconhecer que “durante muito tempo quase só se conheceu o Cristo segundo a fé (...). Depois, a partir dos tempos modernos, a tendência inversa emerge lentamente, dando cada vez mais importância à figura histórica de Jesus, para confirmá-la ou enfraquecê-la, mas sempre em detrimento da figura dogmática e confessante de Jesus como Cristo”². Justamente, por ela ter atravessado grandes e profundos questionamentos ao longo dos últimos séculos, hoje, a Cristologia permanece campo aberto de pesquisa.

À pergunta fundamental realizada: “quem é Jesus de Nazaré e o que Ele significa para nossa relação com Deus?”, desdobra-se uma série de conteúdos concretos para a pesquisa. Tem-se, por exemplo, a compreensão da relação de Jesus com Deus como seu Pai; sua unidade com o Pai no Espírito Santo; a proclamação do Reino de Deus; a presença pessoal de Jesus na Igreja como sua cabeça, entre outros. Isso mostra o caráter científico da Cristologia, visto que ela se dispõe a refletir sobre os pressupostos e a estrutura interna da fé em Jesus como Cristo, que se baseia no testemunho dado por Deus Pai ao enviar o Filho na carne. Sendo assim, ela se torna “fundamentação que reflete metodologicamente e argumenta sistematicamente, é a explanação interna e a mediação do acontecimento Cristo, dado que em Jesus o próprio Deus vai ao encontro do ser humano, de modo que os seres humanos, por e com Jesus de Nazaré, têm acesso à salvação de Deus, criador e consumidor de todo o gênero humano”³.

2. O USO DA LINGUAGEM NARRATIVA NA TEOLOGIA

Antigamente, a Cristologia era conhecida pelo nome de Tratado do Verbo Encarnado, expressando, assim, a centralidade do mistério da Encarnação de Jesus, o “Verbo que se fez carne” (Jo 1,14). A centralidade do mistério implica também uma atenção maior, visto que “a Encarnação (...) pouco importaria fora dos círculos da fé, se essa compreensão de Jesus como Deus e ser humano, qualquer que seja por enquanto o fundamento, não tivesse tido impacto na história, e o Prólogo de São João não houvesse jamais prendido a atenção dos seres humanos”⁴.

Em sua humanidade, Jesus Cristo revela Deus e salva o homem, ensina e redime. A compreensão da profundidade desse mistério, profetizado nas Escrituras e cumprido na carne de Jesus, foi o objeto principal do estudo de uma teologia mais racional e especulativa. Por exemplo, Tomás de Aquino investiga a encarnação de Jesus mesmo se o ser humano não tivesse pecado. Segundo as Escrituras e a Tradição, a superação do pecado de Adão foi o motivo mais evidente para seu acontecimento. Em seu pensamento, a encarnação acontece

¹ KESSLER, Hans. In: SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 220

² GESCHÉ, Adolphe. *O Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 49

³ MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática católica: teoria e prática da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 190

⁴ GESCHÉ, Adolphe. *O Cristo*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 7



inequivocadamente com a finalidade de alcançar o perdão dos pecados, ao passo que, para Deus, a razão maior não foi o pecado, mas unicamente seu amor que propicia o perdão⁵.

Com o passar do tempo, a diversidade de questões aumenta, bem como as maneiras de dar resposta a elas. Em todo caso, o que se pretende é alcançar, à luz da razão, uma clareza e maior proximidade ao mistério revelado, criando uma intimidade, em todo o tempo e lugar, com o próprio Deus, e levar outros tantos a ter essa profunda experiência que leva à expressão da fé. O uso da linguagem narrativa na teologia visa justamente a facilitar e resgatar essa experiência de fé, formulando-se, assim, não tanto uma teologia da narração, mas uma teologia narrativa.

Tradicionalmente, a revelação é vista como um ato puramente divino, que vem do céu para a terra. No entanto, a teologia narrativa procede de modo diferente, facilitando a percepção do agir de Deus na história. Tal agir escapa das teorias e dogmas, mas pode ser narrado, contado e lembrado através dos séculos, “estamos em face de teologia narrativa, hoje altamente revalorizada. Em torno de Jesus, já sabido e crido como Filho de Deus, depois da ressurreição, se tecem e se ordenam estórias, narrações, tradições, sagas e lendas”⁶, fazendo perceber a presença real e factual de Deus no evento histórico Jesus

Nesse sentido, a contribuição da linguagem narrativa para a Teologia consiste em proporcionar uma reflexão que toma a narração como o gênero literário cristão, por excelência. Assume-se, dessa maneira, a narração como categoria básica da linguagem teológica e religiosa, buscando uma coerência maior entre a racionalidade da fé e a experiência cristã:

Que é a teologia narrativa? Não é um conjunto de ideias, feitas e fechadas, que outros elaboraram, e que agora nós temos de aprender. Trata-se, pelo contrário, de contar e narrar os acontecimentos que entre nós aconteceram: de descobrir aí sinais da presença e da ação de Deus; e de responder ao chamado à conversão formulada num projeto de ação⁷.

Essa forma diferente de labor teológico torna oportuno o reconhecimento de que a mensagem cristã é algo presente nos diversos estratos da cultura e da sociedade, exprimindo a religiosidade, por vezes, latente de várias pessoas.

Quando a teologia é feita sem utilizar a linguagem narrativa e trabalhar a narratividade em seu processo, ela se empobrece e não alcança o interior das pessoas, tampouco traduz suas experiências de fé. Justamente, essas experiências fundamentam a religiosidade das pessoas, religiosidade esta que se apresenta em narrativa de fé. A partir dessa análise do uso da linguagem narrativa na Teologia:

Não podemos, portanto, dissociar a ação de Deus de sua própria revelação, assim como não podemos separar esta de sua acolhida por parte do povo de Deus, feita, por sua vez, por meio de uma Escritura, dentro de um processo de transmissão desta experiência, que inclui um passado polissêmico e um presente plural. Escritura e transmissão da experiência são, fundamentalmente, narrativas da fé, e estas são elementos constitutivos do processo revelatório da vida divina, que, segundo as

⁵ Cf. MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática católica: teoria e prática da teologia*. p. 262

⁶ LIBANIO, João Batista. *Linguagens sobre Jesus: linguagem narrativa e exegética moderna – vol. 2*. São Paulo: Paulus, 2012, p. 49

⁷ GARIBAY, Javier apud. LIBANIO, João Batista. *Linguagens sobre Jesus*. p. 18



narrativas bíblicas, optou pela narrativa como forma de seu povo transmitir saber e sabores de sua fé⁸.

3. A LINGUAGEM NARRATIVA E A CRISTOLOGIA

A aplicação da narrativa como linguagem e expressão teológicas desdobra-se no campo da Cristologia. Vista, anteriormente, como a chave para os diversos temas da Teologia, a Cristologia se vale também da narrativa para realizar seu discurso e recontar de modo atualizado o relato primeiro da fé eclesial sobre o evento nuclear fundador: o próprio Jesus⁹.

É certo que, no contexto latino-americano, a teologia narrativa e seus desdobramentos, como no caso da Cristologia, produziram pouco debate metodológico e escassa produção acadêmica sobre o assunto. Diferentemente, na teologia norte-americana, ela tem sido alvo de grandes debates e objeto de muitas produções nos últimos vinte anos¹⁰. Todavia, encontra-se um crescente interesse de pesquisa e produção nesta área no contexto latino-americano, contando com alguns nomes, como: J. B. Libanio, Antônio Carlos Magalhães, Luiz Carlos Susin, Néstor Míguez, entre outros. Sendo assim, ainda que não se tenha uma teologia narrativa latino-americana propriamente dita, existem trabalhos e pesquisas nesse sentido, trazendo as marcas características e próprias da teologia latino-americana.

Sem buscar um mapeamento pormenorizado da questão, nota-se a importância dada à narrativa dentro do discurso teológico contemporâneo como forma de reaproximá-lo à sua característica primitiva de relato de fé, testemunho da comunidade eclesial.

Não obstante a importância de sua utilização, a narrativa possui alguns aspectos deficientes que precisam ser levados em conta. Sinteticamente, a narrativa mostra-se incapaz de resolver algumas dificuldades levantadas pelas ciências, pela filosofia e pela racionalidade moderna.

Corre-se o risco, no âmbito da cristologia narrativa, de realizar um discurso fundamentalista e mitológico, ao confundir a narração com uma descrição literal da realidade. Por conta disso e de sua rica criatividade, a narrativa pode aprofundar em seu relato satisfazendo a curiosidade de leitores superficiais, sem elaborar teorias intelectualmente exigentes. Isso faz com que a narrativa se distancie do discurso racionalista e da exigência metodológica moderna¹¹.

Apesar desses limites e deficiências, a narrativa revigora o discurso teológico e a cristologia de maneira mais específica. Ela reflete a fé que se percebe nas entrelinhas das Escrituras e no interior das pessoas. Trabalha com os símbolos, os mitos, as fábulas do cotidiano do homem, falando-lhe mais ao coração do que à inteligência. Desse modo, ela se torna capaz de elaborar os comportamentos de cada sujeito individual e de toda sociedade¹².

Por essa razão, a narrativa apresenta uma maneira de passar do rigor científico e racional à exigência do cotidiano. Transmite as Escrituras e, mais detidamente, o Evangelho aos ouvintes com uma capacidade intrínseca de possibilidade de mudança de vida e conversão.

⁸ MAGALHÃES, Antônio Carlos. "Narrativa e hermenêutica teológica". In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 [9], 2002, pp. 19-20 [Edição on-line, 2009].

⁹ Cf. LIBANIO, João Batista. *Linguagens sobre Jesus*. p. 35

¹⁰ Cf. MAGALHÃES, Antônio Carlos. "Narrativa e hermenêutica teológica". p. 8

¹¹ Cf. LIBANIO, João Batista. *Linguagens sobre Jesus*. p. 56

¹² MAGALHÃES, Antônio Carlos. "Narrativa e hermenêutica teológica". p. 11



Para a Cristologia, igualmente se percebe a capacidade própria da narrativa de transmitir os conteúdos dogmáticos de forma fidedigna, eficaz e compreensível. A esse respeito, a obra de Frank Matera, professor norte-americano, contempla a relação entre a cristologia e a narrativa, a partir do Novo Testamento. Em seu estudo, ele aponta que:

O Novo Testamento não discute explicitamente cristologia da maneira como nós entendemos esta disciplina hoje. De fato, poder-se-ia dizer que a maioria dos escritos do Novo Testamento tratam mais de soteriologia e da vida moral dos crentes do que de cristologia. Assim, mais que apresentar uma cristologia explícita, a maioria dos escritos do Novo Testamento *pressupõem* uma cristologia que, por sua vez, serve de base para a sua soteriologia e ensinamento moral¹³.

Todavia, a cristologia pressuposta no Novo Testamento não é única. Pode-se dizer que há diversas cristologias neotestamentárias nas quais se percebem os diversos modos de apresentar a pessoa de Jesus e seu significado. Nos Evangelhos, também, cada qual traz uma cristologia, revelada através da narrativa, em que se conta uma história de Jesus: “há tantas histórias de Cristo quantas cristologias existem. De fato, há tantas cristologias porque há tantas histórias”¹⁴. Essas histórias nem sempre se complementam, porém seguramente proporcionam meios de estreitar a relação do homem com Deus.

Por elas, chega-se a ter o conhecimento da pessoa de Jesus e, conseqüentemente, de sua própria relação com Deus. Ora, o modo como se define esta relação determina diretamente a importância dada à relação que o homem estabelece com Deus¹⁵. E isso deve ser levado em conta, especialmente pela cristologia.

4. UM HOMEM QUE VINHA DA NARRATIVA

Como dito anteriormente, o uso da narrativa como linguagem no discurso teológico mostra-se, ainda que com limites, oportuno e eficaz para a transmissão do conteúdo da fé e sua assimilação por parte do homem contemporâneo. A Teologia Narrativa, por assim dizer, ainda consiste num campo de pesquisas aberto e inovador, mas que não se restringe, unicamente, ao contexto americano. No contexto europeu, mais propriamente na França, encontra-se o trabalho acadêmico do teólogo francês Joseph Moingt, que serve como exemplo e referência para esta pesquisa.

Nascido na França de 1915, o teólogo jesuíta foi professor de teologia na Faculdade Jesuíta de Lyon-Fourvière, no *Institut Catholique* de Paris e na Faculdade de Filosofia e Teologia da Companhia de Jesus (*Centre Sèvres*), também em Paris, onde atualmente é professor emérito. Por muitos anos, dirigiu a conceituada revista *Recherches de Science Religieuse*, famosa por pesquisas sobre religião, exegese bíblica, história e teologia. Moingt é, ainda, especialista em cristologia, além de ser autor de numerosos livros e artigos. Destacam-se, no campo da cristologia, as seguintes obras: *O homem que vinha de Deus* (intitulado em francês: *L’homme qui venait de Dieu* – 1993) e *Deus que vem ao homem* (*Dieu qui vient à l’homme*). Este último, dividido em três tomos, apresenta uma reflexão a partir *do luto à revelação* (vol. I – 2002) e *da aparição ao nascimento de Deus* (vol. II-I – 2005 e vol. II-II – 2007). Dentre outras obras, publicou também *Os três visitantes* (*Les Trois Visiteurs* – 1999), um estudo

¹³ MATERA, Frank J. *Cristologia narrativa do Novo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 17

¹⁴ MATERA, Frank J. *Cristologia narrativa do Novo Testamento*. p. 18

¹⁵ MATERA, Frank J. *Cristologia narrativa do Novo Testamento*. p. 371



sobre a Trindade; e, recentemente, *Crer apesar de tudo* (*Croire quand même* – 2010), uma entrevista aberta sobre o presente e o futuro do catolicismo.

Sua situação histórica é fator de privilégio para a compreensão de sua obra. Tendo estudado em Paris e se formado em 1955, Moingt herda todo o pensamento da *Nouvelle Theologie*, que foi uma resposta à teologia modernista do século XX, ao propor um retorno às fontes e uma releitura do pensamento escolástico. Foram expoentes desse movimento grandes pensadores, tais como: Karl Rahner, Hans Urs Von Balthasar, Hans Küng, Yves Congar, Marie-Dominique Chenu, Henri de Lubac, Jean Daniélou, entre outros. De modo particular, estes dois últimos tiveram influência e participação direta na formação de Joseph Moingt.

Em sua obra *O Homem que vinha de Deus*, Joseph Moingt descreve o processo do surgimento dos Evangelhos, que se inicia a partir de um “rumor” provocado pela vida de Jesus. Ele considera que não se tem nenhum testemunho histórico vindo diretamente de Jesus. Todavia, seu discurso e sua prática o fizeram entrar para a história. Mediante as narrativas, as comunidades cristãs primitivas o reconheceram como Cristo e Senhor, que, após a sua Paixão e morte na Cruz, ressuscitou e está sentado à direita de Deus.

Dessa maneira, o que temos de Jesus chega até os dias de hoje através desses fragmentos de narrativas e rumores que, aos poucos, foram se constituindo em narrativas maiores, isto é, os Evangelhos que temos hoje. A partir deles, conhece-se a história de Jesus, que serve de objeto de estudo para uma narrativa teológica. Esse é o ponto de partida da obra de Joseph Moingt que assim se define:

Se é, pois, necessário especificar o gênero de percurso que pretendo fazer através dos evangelhos, podemos chamá-lo de cristologia *narrativa*. Não reivindico esse epíteto para qualificar o método que seguirei, porque a teoria de uma teologia *de forma* narrativa ainda não foi feita e eu me contento em me exercitar na prática de uma teologia *da narrativa*. No entanto, ela pode servir para designar o *gênero* de discurso que me disponho a usar, seu projeto: pensar e dizer a pessoa de Cristo, contando a história de Jesus com Deus¹⁶.

O teólogo francês afirma que Jesus entrou para a história porque agiu de tal forma que fez com que falassem dele, não antes, pelo fato de ter vivido: “Jesus não entrou na história quando nasceu, não pertence à história porque viveu, mas desde que se falou dele e porque ele se fez falado, desde que e porque o zunzum e sobretudo a fé que suscitou criaram história”¹⁷. Dessa maneira, ele considera a narrativa como a forma da teologia em sua origem, como nos textos do Antigo e do Novo Testamento.

Para Joseph Moingt, com a institucionalização e organização interna da Igreja, verificou-se um afastamento gradativo dessa forma de teologia, assumindo categorias da filosofia grega para a formulação do discurso dogmático.

Na primeira parte da obra, Moingt apresenta o processo da construção e desconstrução do dogma cristológico. Ele mostra que a modernidade colocou em xeque o que a Igreja, desde muito tempo, ensinou a respeito de Jesus. Ao sair do campo da narrativa, o cristianismo pagou o alto preço por abandoná-la e, para muitos, afastou-se da autenticidade bíblica, uma vez que:

¹⁶ MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 18

¹⁷ MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. pp. 22-23



Os escritos do Novo Testamento já são “discursos”, se entendermos por esse vocábulo uma construção estudada, com intenção precisa, pois têm por objetivo fazer crer e demonstrar “que Jesus é o Cristo”; por essa razão, eles constituem um discurso ao mesmo tempo histórico e teológico, e já é a Igreja que mantém esse discurso, visto que é a fé das primeiras comunidades cristãs que inspira esse anúncio e constrói uma narrativa capaz de transmiti-lo. Mas nós não os abordamos nessa perspectiva. Simplesmente lhes pedimos que nos dissessem o que se contava sobre Jesus, na época em que começava a pregação cristã; que pintassem em traços largos o retrato do personagem controvertido que uns e outros viam nele; que fizessem um esboço de sua mensagem como era recebida ou recusada de um lado ou de outro; em resumo, que nos dessem informações elementares sobre Jesus e nos introduzissem, assim, no discurso que logo a Igreja vai proferir no mundo, com base nesses escritos, para lhe apresentar seu Cristo¹⁸.

Diz ainda que esse abandono se torna um problema mais teológico e epistemológico do que histórico ao expressar a fé em uma linguagem inenarrável. Por exemplo, falar da origem de Cristo a partir da preexistência, como no Tratado do Verbo Encarnado, acaba afastando o acesso à identidade da pessoa de Cristo que temos nos Evangelhos, “é a prova de que se perdeu a evidência de sua humanidade, e é o sinal de que não se leem mais os evangelhos como narrativas”¹⁹.

A proposta do teólogo francês é voltar o olhar para as Escrituras, na intenção de buscar o modo como elas falam sobre Deus e de como Ele se dá a conhecer. Sabe-se que o encontro com os homens se dá na história, e é aí que Jesus se insere, possibilitando-nos o conhecimento de Deus e mostrando os vínculos que nos unem a Ele. No mundo contemporâneo, já não se aceita um discurso sobre Deus alheio à experiência humana, isto é, abstrato e sem vínculo com a realidade que nos cerca. Por essa razão, a cristologia atual precisa se orientar de modo a não somente comentar e reproduzir um discurso dogmático pré-concebido, justificando e defendendo um antigo ensinamento da Igreja, mas, fundamentalmente, necessita transmitir a fé em Cristo perante a racionalidade crítica de nosso tempo²⁰.

Por essa razão, a cristologia que nasce desse diálogo entre fé e contemporaneidade há de ser construída gradualmente com a experiência adquirida dos avanços e retrocessos dos últimos séculos. Sobre essa nova forma de conceber a cristologia, ela necessariamente fundamenta seu discurso na relação entre fé e história, tendo como referência a pessoa de Jesus. Ora, o teólogo contemporâneo não pode deixar de considerar Jesus em sua história, porque, ainda que ele não seja um historiador, “sua função não é retirar das narrativas evangélicas um conjunto de conhecimentos históricos, a partir dos quais poderia ser reconstituída a identidade da pessoa de Jesus; é dizer quem é Jesus para os cristãos, isto é, segundo a pregação e o ensinamento da Igreja”²¹.

Enfim, Joseph Moingt aponta alguns dilemas que se chega à tentativa de aproximar o dogma e as narrativas evangélicas. As narrativas permitem reconhecer um homem que se torna Filho de Deus e não um Deus que se faz homem:

Tomar a sério essa história impõe que se considere que os evangelhos relatam a história de um homem, com a intenção de reconhecê-lo como Filho de Deus, é certo;

¹⁸ MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. p. 65

¹⁹ MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. p. 179

²⁰ MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. p. 11

²¹ MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. p. 22



reconhecê-lo como Deus não é a mesma coisa e é muito menos certo; com a intenção de *contar* sua história como a de um Deus feito homem, mesmo um cristão não pode considerá-lo uma certeza, de tal modo o sentido das narrativas evangélicas aponta para outra direção. Essas narrativas não nos mostram a preocupação de Jesus em revelar sua identidade escondida, mas em anunciar o Reino que vem; (...) anuncia o Deus que vem, e é essa ligação com Deus que leva as pessoas a se interrogarem sobre sua identidade²².

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, pode-se concluir que a grande maioria dos teólogos da atualidade está consciente dos desafios enfrentados na transmissão da fé e na assimilação do discurso teológico. Para tanto, a utilização da narrativa como linguagem teológica é necessária para fugir aos ditames racionalistas impostos pela modernidade e dialogar convincentemente com as questões propostas pela contemporaneidade. O debate sobre esta nova forma de transmitir a fé, tendo como base a narrativa, tem assumido na teologia um lugar que não se pode ignorar na atualidade. Há grande número de teólogos que tem realizado pesquisas neste campo da teologia, principalmente no da cristologia, denominado cristologia narrativa.

Como exemplo de pesquisa, encontra-se a obra de Joseph Moingt, que propõe a articulação entre as narrativas sobre Jesus e o dogma cristológico. Ainda que a narrativa encontre barreiras de ordem histórica e epistemológica, ela inova no modo de pensar a cristologia, a teologia e a fé. A relação teologia e história, como se sabe, é necessária, porém, como previne Joseph Moingt, o teólogo não é historiador ainda que tenha que perscrutar o personagem Jesus Cristo que surge da narrativa, permitindo aos cristãos de todos os tempos o acesso e o assentimento a ele pela fé.

BIBLIOGRAFIA

- GESCHÉ, Adolphe. *O Cristo*. Trad. Carlos Felício da Silveira. São Paulo: Paulinas, 2004. (Col. Deus para pensar; 6)
- KESSLER, Hans. In: SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LIBANIO, João Batista. *Linguagens sobre Jesus: linguagem narrativa e exegética moderna – vol. 2*. São Paulo: Paulus, 2012. (Col. Temas bíblicos)
- MAGALHÃES, Antônio Carlos. “Narrativa e hermenêutica teológica”. In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 [9], 2002, pp. 6-22 [Edição on-line, 2009].
- MATERA, Frank J. *Cristologia narrativa do Novo Testamento*. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. Trad. Nadyr de Salles Penteadó. São Paulo: Loyola, 2008. (Col. Theologica)
- MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Dogmática católica: teoria e prática da teologia*. Trad. Volney Berkenbrock, Paulo Ferreira Valério, Vilmar Schneider. Petrópolis: Vozes, 2015.

²² MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. p. 224